

PENSAMENTO CRÍTICO*

George Rainbolt**

Departamento de Filosofia
Georgia State University- EUA***

Nos Estados Unidos, “pensamento crítico” refere-se a um movimento acadêmico que promove a aquisição de uma habilidade específica e também se refere a esta própria habilidade de avaliar corretamente os argumentos elaborados por outros e de construir argumentos sólidos. O compromisso com o pensamento crítico acarreta basear nossas crenças em bons argumentos, o que nos faz mais felizes, por oposição a baseá-las em maus argumentos, o que nos deixa nas mãos do acaso. O movimento do pensamento crítico sustenta que tal habilidade é vital e que deve ser ensinada aos

estudantes de graduação. Forneço aqui uma revisão sobre o pensamento crítico para estudantes de fora dos Estados Unidos.¹

Nos últimos vinte anos o movimento obteve grande sucesso. Numa pesquisa recente em aproximadamente 2.000 faculdades de todas as disciplinas no estado da Georgia, o pensamento crítico foi identificado como o objetivo de aprendizagem mais importante para estudantes de graduação.² A disciplina obteve uma classificação maior do que os objetivos de aprendizagem em escrever bem e em competência matemática. Milhares de estudantes agora fazem cursos de pensamento crítico em milhares de universidades nos Estados Unidos. Enquanto a maior parte desses cursos é lecionada em departamentos de filosofia, um número considerável também é

* Este artigo foi preparado especialmente para *Fundamento: Revista de Pesquisa em Filosofia* e para a Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto. Agradeço a Mário Nogueira de Oliveira pelos comentários nas versões anteriores.

**Dr. George W. Rainbolt é professor titular e chefe do departamento de Filosofia na Georgia State University em Atlanta, Georgia, USA. É autor e co-autor de três livros: *The Concept of Rights, Ethics, and Critical Thinking in College*. Publicou vários artigos em periódicos como: *Legal Theory, Public Affairs Quarterly, the Journal of Social Philosophy*, *Noûs*, and *Philosophy and Phenomenological Research*. Além do seu trabalho na área do pensamento crítico, sua pesquisa enfoca também a Filosofia do Direito.

***Tradução de Mário Nogueira de Oliveira. O tradutor agradece a contribuição de Rodrigo Reis Lastra Cid e, especialmente, a gentileza do autor do artigo na realização do trabalho.

¹ O movimento do pensamento crítico teve um grande impacto no Canadá. Há inúmeros livros escritos por autores canadenses sobre tema e os canadenses utilizam um número significativo de livros sobre pensamento crítico escritos por autores dos Estados Unidos. Como meu conhecimento sobre o movimento do pensamento crítico no Canadá é limitado, restringirei meus comentários ao movimento presente nos Estados Unidos.

² Ver a pesquisa do Core Curriculum Evaluation Committee of the University System of Georgia, question 8; encontrado em: <http://core.usg.edu/surveys/>

ensinado por departamentos de língua inglesa. As atividades relacionadas compreendem a elaboração de livros para cursos, elaboração de testes para avaliar as habilidades concernentes ao pensamento crítico, elaboração de manuais para auxiliar os professores da disciplina e as conferências. Um editor estima que o total de vendas de livros sobre pensamento crítico nos Estados Unidos é superior a 250.000 por ano.³

O movimento do pensamento crítico teve origem na insatisfação com a lógica simbólica. Em meados de 1980, a única disciplina de graduação voltada à avaliação de argumentos era o curso de lógica simbólica⁴. Tais cursos tendem a enfatizar argumentos como este: se estiver nevando, então a temperatura está abaixo de 0 grau. Está nevando. Portanto, a temperatura está abaixo de 0 grau. Ao final da mesma década, muitos professores acreditavam que as aulas de lógica simbólica não conseguiam habilitar os alunos para avaliar bem os argumentos reais. O movimento do pensamento crítico nasceu com o intuito de corrigir este problema.

Muitos estudiosos de fora dos Estados Unidos ou nunca ouviram falar sobre o movimento do pensamento crítico, ou o tomam

³ Joann Kozyrev, Senior Sponsoring Editor for Philosophy and Religion, Wadsworth/Cengage Learning, mensagem de email para o autor em 8 de maio de 2009.

⁴ Irving Copi, *Symbolic Logic*, 5 ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1979.

por algo que ele não é.⁵ A maior parte da confusão decorre do pressuposto natural de que a palavra “crítico”, ou “crítica”, indica que o pensamento crítico esteja relacionado a outros movimentos intelectuais que também apresentam esta palavra em seus nomes. Entretanto, ele não está relacionado com a teoria crítica, ou com os estudos críticos legais, ou com a teoria crítica da raça, ou com a teoria crítica da literatura. A rigor, o movimento do pensamento crítico tende a confiar em pressupostos que essas outras teorias rejeitam. Deixe-me tomar um momento para explicar o que quero dizer por “teoria crítica”, “estudos críticos legais”, “teoria crítica da raça”, e por “teoria crítica da literatura”.

Em um uso amplo, “teoria crítica” refere-se a um conjunto largo e díspar de teorias (em filosofia e em outras disciplinas) que compartilham a visão de que as teorias sociais são ou deveriam ser tentativas de criticar e mudar a sociedade como um todo. Neste sentido, as teorias críticas são contrastadas com as teorias que visam apenas descrever ou entender a sociedade.

A teoria crítica é frequentemente associada com a esquerda política e com críticas à sociedade como racista, sexista, opressiva,

⁵ Já existem trabalhos conhecidos no Brasil, como por exemplo, *Pensamento Crítico: o poder da lógica e da argumentação* (Editoras Cultura e Rideel) de autoria do Prof. Walter Carnielli (do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp) e Richard L. Epstein. A versão nacional do trabalho foi lançada em Novembro de 2009. Em Portugal, também como um exemplo, Tomás Magalhães Carneiro edita uma revista acadêmica que enfatiza trabalhos no tema (Nota do Tradutor).

injusta, etc. Este sentido de teoria crítica geralmente enfoca o aumento da liberdade em todas as suas formas. Num sentido mais restrito, “teoria crítica” refere-se a um conjunto de filósofos e teóricos sociais alemães vinculados à Escola de Frankfurt. Pensadores que exemplificam os teóricos críticos, neste sentido, incluem Adorno, Marcuse e Habermas.⁶

Às vezes, “teoria crítica” pode ser entendida como um sinônimo para “teoria pós-moderna”. O que faz uma teoria pós-moderna é objeto de disputa, mas o termo frequentemente se refere às teorias que negam a existência de um assunto objetivo sobre o qual possamos teorizar. Ela também pode se referir a um modo de fazer filosofia que intenta minar os conceitos fundamentais que são utilizados em teorias filosóficas (conceitos como identidade, liberdade e progresso). As figuras centrais do pós-modernismo incluem Lyotard, Foucault e Derrida.

Os estudos críticos legais são um movimento dentro da Filosofia do Direito nos Estados Unidos. Tais estudos floresceram nas décadas de 1980 e 1990, entretanto recentemente tornaram-se menos influentes. Sua afirmação central é que o estado de direito não existe, mesmo em democracias ocidentais contemporâneas.⁷ Seus defensores

⁶ Ver o número especial do *International Journal of Philosophical Studies*: vol. 13 (2005) que é dedicado à teoria crítica no sentido mencionado aqui.

⁷ Andrew Altman, *Critical Legal Studies* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990).

argumentam que as decisões judiciais são baseadas não no que as leis dizem, mas em fatores políticos, sociais e econômicos. Os estudos críticos legais e a teoria crítica estão ligados porque os estudiosos de estudos críticos legais frequentemente argumentam que as decisões legais são baseadas em fatores antiéticos em relação à liberdade.

A teoria crítica da raça é um desenvolvimento do movimento dos estudos críticos legais. Os teóricos críticos de raça sustentam que quando examinamos as interações cotidianas nas quais a raça parece ser irrelevante ou é considerada como irrelevante, descobrimos que ela tem, sim, um papel importante. Além disso, sustentam geralmente que a noção de raça é socialmente construída. Por exemplo, ressaltam que pessoas uma vez classificadas como não-brancas passam, em certas ocasiões, à classificação de brancas. Seus teóricos tendem a usar narrativas semi-ficcionais ao invés dos escritos argumentativos. Costumeiramente, eles rejeitam a objetividade e/ou a racionalidade.⁸

Dentro de departamentos de língua inglesa, a “teoria crítica literária” muitas vezes refere-se à teoria literária em geral. Neste uso, a teoria crítica literária é o estudo da natureza da literatura e do seu método de análise. Um uso restrito de “teoria crítica literária” em departamentos de Letras refere-se a teorias literárias que recorrem à

⁸ Um bom exemplo de teoria crítica da raça pode ser encontrado em Derrick Bell, *The Derrick Bell Reader*, eds. Richard Delgado and Jean Stefancic (New York: New York University Press, 2005).

filosofia continental e/ou enfocam, assim como os estudos críticos legais, fatores antiéticos em relação à liberdade.

Como mencionado anteriormente, o pensamento crítico é a habilidade de avaliar corretamente os argumentos feitos por outros e construir bons argumentos por si mesmo. Ao contrário dessas outras teorias, cujos nomes compartilham a palavra “crítica” ou “crítico”, o movimento do pensamento crítico busca fazer uma diferença concreta na vida cotidiana dos jovens de 18 a 22 anos. Por exemplo, ele intenta ajudá-los a evitar serem pegos por propagandas enganosas. Considere a famosa propaganda de uma marca de chicletes sem açúcar nos Estados Unidos: “quatro entre cinco dentistas entrevistados preferem o chiclete sem açúcar para seus pacientes que mascam chiclete”⁹.

Pensar criticamente sobre essa propaganda envolve se perguntar questões como: “com quantos dentistas foi realizada a pesquisa? Cinco, vinte e cinco, quinhentos?” e “os dentistas preferem o chiclete sem açúcar frente a não mascar nenhum chiclete?”. O movimento do pensamento crítico visa ajudar os estudantes a fazer coisas tal como avaliar as estatísticas de jornais. Considere a diferença entre média e mediana. Em inglês, a palavra “average” pode significar tanto média, quanto mediana. Em 2005, a renda média familiar nos Estados Unidos era de US\$ 63,344 mas a renda familiar mediana era

⁹ Uma história desta campanha propagandística pode ser encontrada em <http://marketing-case-studies.blogspot.com/2008/04/four-out-of-five-dentists-campaign.html>

de US\$46,326.¹⁰ A média é US\$17,018 maior (superior em mais de 35%) que a mediana. Os alunos discutiriam sobre como as médias podem ser enganadoras uma vez que escondem diferentes distribuições. Neste caso, a renda de poucos indivíduos ricos (como Bill Gates) eleva a média da renda.

Este enfoque prático explica porque os livros de pensamento crítico raramente mencionam filósofos. Ao invés disso, eles apresentam materiais como propagandas de televisão, editoriais de jornais e discursos de políticos. Como o pensamento crítico é considerado um trabalho de nível elementar, a maioria dos professores universitários acredita que os estudantes deveriam ter aprendido a pensar criticamente no ensino médio, entretanto, ao menos nos Estados Unidos, grande parte não o fez.

Com o enfoque concreto e de nível elementar, o pensamento crítico é considerado teoricamente raso. Seus livros não levantam questões sobre a natureza da verdade, se a verdade é objetiva, e se os argumentos racionais levam à crença verdadeira. Tais livros assumem algum tipo de teoria da verdade como correspondência e alguma versão do realismo metafísico, mas não apresentam explicitamente

¹⁰ Carmen DeNavas-Walt, Bernadette D. Proctor, and Cheryl Hill Lee, U.S. Census Bureau, Current Population Reports, P60-231, *Income, Poverty, and Health Insurance Coverage in the United States: 2005* (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 2006), 38.

esses pressupostos aos alunos.¹¹ As outras teorias com o termo “crítica” ou “crítico” em seus nomes são teoricamente profundas. Geralmente rejeitam as teorias da verdade como correspondência e/ou o realismo metafísico. E usualmente não pretendem ajudar os jovens adultos na rotina de suas vidas.

A generalidade e a importância do pensamento crítico são responsáveis em grande parte pela popularidade da disciplina nos campi dos Estados Unidos. Sua grande aceitação também se deve à tendência de incluir quaisquer habilidades necessárias ao sucesso nas faculdades ou na vida sob a bandeira do pensamento crítico. Se o “pensamento crítico” deve possuir um significado, este deve ser limitado. Para se alcançar sucesso acadêmico, os estudantes precisam ser capazes de ler, escrever frases gramaticalmente corretas, fazer cálculos matemáticos, organizar os dados para os trabalhos acadêmicos e fazer uma série de outras coisas que não são “pensamento crítico”. A habilidade de memorizar informações para elaborar um texto não é um exemplo de pensamento crítico. A memorização é uma habilidade importante tanto na academia quanto na vida em geral (pense na memorização de senhas de computadores), mas não é pensamento crítico. É comum contrastá-lo com o conhecimento de conteúdo, mas a relação entre eles é complexa.

¹¹ Na *Stanford Encyclopedia of Philosophy* há um bom artigo sobre a teoria da verdade como correspondência e sobre o realismo metafísico: <http://plato.stanford.edu/entries/truth-correspondence/>

Uma vez que os argumentos podem tratar de qualquer assunto, pensar criticamente é uma habilidade geral que se deve usar em qualquer momento em que se esteja para decidir no que acreditar ou no que fazer. Portanto, pensar criticamente é uma habilidade encontrada em todas as disciplinas acadêmicas e também fora do contexto acadêmico. Por outro lado, a natureza do pensamento crítico difere de disciplina para disciplina e de contexto para contexto. O pensamento crítico na matemática, na biologia e na sociologia apresenta-se diferente entre tais formas e também, por exemplo, do pensamento crítico em questões financeiras, ou do pensamento crítico concernente ao conserto de automóveis ou da gerência de um restaurante. A maioria dos acadêmicos sustenta que há algumas habilidades gerais advindas do pensar criticamente que são necessárias em qualquer contexto, ao passo que outras habilidades do pensamento crítico são específicas a certos contextos. Isto é freqüentemente baseado na visão de que as habilidades fornecidas pelo pensamento crítico são de mais fácil aplicação quando alguém possui um bom conhecimento na área concernida.

A habilidade de avaliar corretamente os argumentos envolve mais do que o estudo teórico dos argumentos. Ela requer o desenvolvimento de habilidades cognitivas (tais como a capacidade para identificar quando um argumento está presente e a de separar suas diversas partes) e a adoção de um conjunto de hábitos mentais (tais como reconhecer a própria ignorância, não chegar a conclusões

FUNDAMENTO V. 1, N. 1 – SET.-DEZ. 2010

sem informações suficientes, tratar visões opostas tal como é devido, evitar o auto-engano e identificar preconceitos). Isto não é algo que os alunos possam adquirir apenas pela leitura. Deve haver a prática e a maior parte dos cursos de pensamento crítico exige que os estudantes façam muitos exercícios. Algo típico dos livros de pensamento crítico é apresentar uma grande quantidade de exercícios. Nesse ponto, seus livros assemelham-se aos livros de matemática. Hegel morreu em 1831 e Nietzsche nasceu em 1844. O conhecimento do conteúdo de que Hegel viveu antes de Nietzsche pode se mostrar útil ao argumentarmos que o pensamento de Nietzsche não influenciou Hegel. O conhecimento de conteúdo é útil no pensamento crítico. Mas o conhecimento de fatos não conectados não é um exemplo de pensamento crítico. Para pensar criticamente, deve-se ser apto a ordenar fatos para sustentar ou não uma determinada visão.

A instrução do pensamento crítico é geralmente combinada com a instrução sobre como escrever. Enfatiza-se a importância de se escrever em estilo claro e simples. Algumas vezes este estilo impressiona pessoas de fora da academia (e alguns acadêmicos) que o percebem como seco e enfadonho. Os defensores do pensamento crítico, por sua vez, consideram estas observações como elogios. Um instrutor da disciplina tenta passar essa idéia para os estudantes ao afirmar que o estímulo de um artigo bem escrito deve advir das idéias, e não das palavras.

A ênfase na clareza da escrita vincula o movimento do pensamento crítico com o estilo da filosofia analítica. Por outro lado, este movimento teve sua origem na rejeição da relevância da lógica simbólica. Na medida em que a filosofia analítica valoriza as habilidades aprendidas nos cursos de lógica simbólica, o movimento do pensamento crítico está em desacordo com a filosofia analítica. Ademais, seus defensores costumam demonstrar desgosto com as abreviaturas e jargões usados por vezes em demasia na filosofia analítica. Em um exame mais escrupuloso, é razoável pensar que o movimento do pensamento crítico está mais associado com a filosofia analítica, ao invés da filosofia continental. Entretanto tais relações são complexas.

O movimento do pensamento crítico não tem vinculação política. Os acadêmicos que tendem tanto à esquerda quanto à direita na questão política argumentam que a seus oponentes falta bom pensamento crítico e, nesse sentido, os dois grupos reconhecem o seu valor. Como foi visto acima, há alguns acadêmicos, algumas vezes ligados à esquerda no espectro político, que rejeitam o pensamento crítico que está na base de suposições epistêmicas e metafísicas. Em geral, tais acadêmicos ignoram o movimento do pensamento crítico e são ignorados por aqueles que consideram o valor desse movimento. Com exceção dos acadêmicos mencionados, o movimento não é controverso. Nunca ouvi um professor afirmar que o pensamento

crítico é inútil ou superestimado. É quase universalmente considerado como uma habilidade de vital importância.

Post scriptum

Uma das melhores maneiras de se entender o pensamento crítico é ler um dos livros dedicados ao tema. Obviamente, não se pode reproduzir um livro usado em aulas aqui. Contudo, posso fornecer dois breves excertos. Estes foram retirados de *Critical Thinking in College*, de George Rainbolt e Sandra Dwyer (Wadsworth 2008)¹². Vejamos:

1.1. Um argumento estatístico ocorre quando alguém faz uma inferência que tem uma das seguintes formas lógicas:

Geral

(1) P% das entidades N observadas em G têm F.

Logo,

(2) P% de todas as entidades em G têm F.

Particular

(1) P% das entidades N observadas em G têm F.

¹² George W. Rainbolt and Sandra L. Dwyer, *Critical Thinking in College* (East Windsor, CT: Wadsworth Press, 2008).

Logo,

(2) P% de todas as entidades em G têm F.

(3) X é uma entidade em G.

Logo,

(4) Há uma chance de P% de que X tenha F.

1.2. Aqui está um exemplo de um argumento estatístico com forma Geral:

Durante o fim da primavera de 2006, 89% de 1000 estudantes de graduação disseram que os argumentos estatísticos são seu tipo favorito de raciocínio.

Logo,

(2) 89% de todos os estudantes de graduação diriam que os argumentos estatísticos são o seu tipo favorito de raciocínio.

Neste exemplo, raciocina-se a partir de um universo de 1000 estudantes de graduação cuja visão sobre os argumentos estatísticos foram observadas (talvez numa pesquisa) de modo a representar todos os alunos do nível mencionado. Temos, portanto, um exemplo da forma geral porque a conclusão é uma generalização acerca de todos os estudantes na graduação.

2. Discutiremos três falácias estatísticas: a Generalização Apressada, a Amostra Influenciada e a Evidência Anedótica.

Falácia da Generalização Apressada

A falácia da generalização apressada ocorre quando um argumento estatístico usa uma amostra que é muito pequena. Quanto maior a amostra, mais representativa ela é. Daí se segue que quanto menor a amostra, menos representativa ela é. Em alguns casos, a amostra do argumento estatístico é tão pequena que o argumento deve ser simplesmente ignorado. Se alguém retira uma conclusão sobre todas as crianças a partir de uma amostra de cinco delas, ele cometeu a falácia da Generalização Apressada. Neste caso, o argumento estatístico irá falhar no que se chama o teste da forma correta.

Falácia da Amostra Influenciada

Quanto mais variada é a amostra, mais ela será representativa. A amostra influenciada ocorre quando falta seriamente uma grande variedade numa amostra. Suponha que tenha sido argumentado que 100% de 2000 golfinhos que foram vistos eram cinzas e, portanto, todos os golfinhos são cinzas. A amostra é grande. Mas suponha que apenas foram pesquisados os golfinhos do Golfo do México. Falta variedade à amostra. Neste caso, o argumento comete a falácia da amostra influenciada. Não foram observados os golfinhos do Atlântico

Norte, do Pacífico, e nem do Oceano Índico. Amostras Influenciadas são mais difíceis de encontrar que amostras pequenas. De fato, mesmo os pesquisadores mais cuidadosos podem deixar passar influências ou limitações em suas amostras.

Falácia da Evidência Anekdotica.

A falácia da Evidência Anekdotica é uma maneira comum de cometer ambas as falácias da Generalização Apressada e da Amostra Influenciada ao mesmo tempo. A amostra é pequena demais e falta variedade. No caso de uma evidência anekdotica, usa-se apenas a própria experiência pessoal ou a experiência pessoal de outros para tirarmos conclusões sobre um domínio mais amplo de entidades. Por exemplo, se demorou seis anos para você fazer algo, você estaria tirando conclusões a partir de uma amostra que é tanto pequena (generalização apressada) quanto apresenta pouca variedade (amostra influenciada).